

### RECORDANDO

*“Tinha eu dezessete anos, em 1927, quando na noite de 20 de julho, em uma reunião de preces, eu escutei, através de uma senhora presente D. Carmem Penna Perácio, já falecida, a recomendação de um Amigo Espiritual, aconselhando-me a tomar papel e lápis, afim de escrever mediunicamente. Eu não possuía conhecimento algum do assunto em que estava entrando, mesmo porque alí comparecia acompanhando uma irmã doente que recorria aos passes curativos daquele circulo íntimo formado por pessoas dístnas e humildes, todas elas do meu conhecimento pessoal (...).” Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto a mesa me seguiram os movimentos do braço curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no comço da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédico, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entando, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração. As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entre-tanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembléia de entidades amigas me fitavam com simpatía e bondade em cuja expressão adivinhava, por telepatia expontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer. Quem seriam aqueles amigos que os companheiros não percebiam? Até então, quando conseguia enxergar os Protetores Espirituais do grupo, à certa distância no espaço natural, supunha, dentro da minha ingenuidade, fossem eles “habitantes do arco-íris”, pois em nossos raciocínios estreitos, não podia pensar de modo diferente (...).” O frio na peça em que nos achavamos reunidos dera lugar há um lugar suave que me envolveu, e reconheci que esse aquecimento inesperado partia deles em minha direção” ...*

Neste depoimento de Chico Xavier à Carlos A. Baccelli, nossa homenagem pelo transcurso do aniversário da primeira atuação psicografica do querido médium.

## MEDIUNIDADE E HUMILDADE

E quando o servo tenha feito tudo o que lhe ordenou, porventura ficará o Senhor em obrigação? Creio que não. Pois assim também vós, depois de terdes feito tudo o que vos foi mandado, dizei: Somos uns servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer.

(Lucas, 17:9-10)

Nosso Instrutor Espiritual, Laurindo, numa tarde de sábado, ao terminar nossos estudos mensais sob sua orientação, convidou-nos:

*- Nesta noite preparem-se bem para dormir. Obtive um convite de nossos Superiores para assistirmos à conferência do instrutor Heliodoro, num recanto da Crosta. Ele é um campeão da mediunidade; teremos muito que aprender.*

Apanha-los-ei logo às duas da madrugada. Preparem-se para um bom desdobramento.

Dos cinco convidados, apenas três estavam em condições de segui-lo.

E partimos.

Guiados pelo pensamento de Laurindo, dirigimo-nos a Epidauro, cidade da Argólida, na Grécia, banhada pelo mar Egeu. Seu teatro, um dos teatros gregos mais bem conservados, resplandecia como nos áureos tempos; suas ruínas como que estavam reconstruídas; aparelhos de luz iluminavam-no, e os de som levavam o mais leve cicio a todas as arquibancadas; delegações de Espíritos de várias esferas ligadas à Terra ocupavam-nas; distinguiam-se umas das outras pelas tênues cores que irradiavam.

Ao transpormos a entrada, fomos encaminhados à sala de recepção, onde, com exceção de Laurindo, nos aplicaram passes, minimizando a influência de nosso corpo carnal; sentimo-nos como que libertos de um peso e com a percepção espiritual mais aguçada. Tomamos lugar nos camarotes reservados aos ainda encarnados; notei que éramos muitos.

De súbito, fêz-se um silêncio absoluto. No centro do palco materializou-se uma tribuna que parecia feita de luz esmeraldina; de ambos os lados dela, poltronas do mesmo material. Uma orquestra invisível começou a tocar acompanhando um coro de vozes, que cantava um hino de rara beleza, tendo por tema o coro dos anjos ao nascer Jesus: "Glória a Deus nas alturas, e paz aos homens

*a quem Ele quer bem".*

Terminado o cântico, materializou-se na tribuna Heliodoro, e nas poltronas seus assessores, que eram seis, três de cada lado.

Heliodoro vestia um manto levemente azulado que lhe caía até os pés em dobras elegantes; aparentava sessenta anos: cabelos curtos, brancos; também a barba era curta, muito bem cuidada e lhe cobria as faces; olhos negros, profundos, irradiando suavidade.

De pé, na tribuna, ergueu a mão direita espalmada cumprimentando-nos e pediu que o acompanhássemos na prece, durante a qual uma luz diamantina, provinda do Alto, envolveu-nos a todos. Correu o olhar pela enorme assistência, fixando-o particularmente em nós, os ainda encarnados.

*"Irmãos, todos vós que aqui estais preparam-se para partir para as lutas redentoras na face da Terra, levando convosco a tarefa de espalhar o Espiritismo, codificado pelo nosso irmão-maior, Allan Kardec. O centro irradiador desse movimento situa-se, como o sabeis, no Brasil. As falanges de Ismael, o anjo protetor dessa nação, vos darão todo o apoio necessário. Entretanto, o principal apoio está dentro de vós mesmos; não o esqueçais".*

Aqui fêz uma pausa, fixando ainda particular-

mente o nosso grupo, com seus olhos percucientes.

" - Recordarei convosco algumas recomendações de Jesus, as quais não deveis jamais esquecer, pois serão o vosso escudo protetor: "A primeira delas é que não vos esqueçais, jamais, de que sois os arautos do Consolador prometido por Jesus. E como os arautos desse Consolador enviado sob o nome de Espiritismo, não olvideis que o principal arauto dessa falange é Allan Kardec, o Codificador. Não vos afasteis dele e de sua humildade. Sigam-lhe o exemplo: ele reduziu sua vida material, suas necessidades materiais, à expressão mais simples, a fim de que as exigências da matéria não o perturbassem.

"Desprezai as honras do mundo, que são armadilhas armadas a vossos passos para fazer-vos tropeçar. Lembrai-vos que o Divino Arauto de Deus, Jesus, não freqüentou o palácio dos césores, nem buscou os favores farisaicos.

"Contentai-vos com o pouco que Deus vos der, e não queirais acumular tesouros, pois não podereis ser arautos do Codificador com a mente fixa no brilho das moedas. Não vos torneis adoradores do bezerro de ouro, e recordai-vos que o Sublime Arauto não tinha onde descansar a cabeça.

"No trato com vossos irmãos, não vos façais de maior; mas sede sempre o servidor de todos, a ponto de lavardes os seus pés, se preciso for.

"No desempenho de vossas tarefas espirituais conservai o bom ânimo; que jamais se turbe o vosso coração. Crede em Deus e no Sublime Arauto que servis na Terra.

"Lembrai-vos de que de agora em diante passareis a ser o sal da Terra. Cuidado! Não percais a vossa força para não serdes pisados pelos homens como o sal inútil.

"Vede que vivereis como ovelhas no meio dos lobos. - Para não serdes devorados por eles,

sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Os lobos vorazes no meio dos quais ireis viver são as honrarias do mundo. Cuidado! Tão logo começardes a aparecer, sereis bajulados pelos homens, chamados pelos grandes, incensados, adulados, elogiados, e tudo o mais que a vaidade humana inventou para fazer nascer o orgulho no coração dos arautos imprudentes. Cuidado! É aí que as cobras mostram sua prudência e as pombas sua simplicidade! Cuidado! Defendei-vos, estando sempre junto aos pequeninos, aos pobrezinhos, aos sofredores, aos desamparados, aos que nada, nada têm para vos dar a não ser sua gratidão, sua dor, sua esperança.

"E nas vossas preces da manhã, ao despertar, e nas vossas preces da noite, preparando-vos para o repouso, não vos esqueçais de acrescentar: 'Perdoai-me Senhor, sou um servo inútil, um arauto que cumpre muito mal o seu dever'."

Heliodoro fêz uma pausa; percorreu toda a assembléia com seu olhar profundo, temperado de meiguice e, tomando um ponteiro, prosseguiu:

"- Temos no momento encarnados na crosta vários arautos que daqui partiram com tarefas específicas no campo do Espiritismo; vejamos como se comportam".

Alçando o ponteiro, descerrou-se atrás da tribuna uma grande tela; seus seis assistentes concentraram-se firmemente, e vimos, ao fundo, um arco de triunfo ornamentado de deuses do paganismo e de coroas de flores das festas pagãs; de seu interior estendia-se uma estrada atapetada de pétalas de rosas; essa estrada desenrolava-se também pela superfície de um lago que exalava vapores mefíticos. Notamos que dentro dele havia Espíritos a se contorcerem.

Do interior do arco de triunfo começou a sair uma procissão: muitas bigas e, em cada uma

# COMUNICAÇÃO

delas, de pé, um homem de nossos dias finamente trajado. Ao lado das bigas, desfaldavam-se estandartes ostentando as honrarias que cada qual tinha recebido como arautos do Espiritismo: títulos honoríficos, medalhas, títulos de cidadania, homenagens que lhes foram prestadas aqui e no estrangeiro, recepções, banquetes, jantares que lhes foram oferecidos depois das pregações, viagens custeadas, e tudo o mais que a vaidade humana inventa para glorificar seus protegidos. De tanto em tanto, a multidão que os aclamava atirava-lhes punhados de flores, e eles, envaidecidos, desdobravam-se em sorrisos.

E as bigas avançavam e a multidão aplaudia. Súbito, tudo desapareceu. Na estrada florida ficaram só os homenageados, que continuaram a avançar em direção ao lago, mas agora cada um carregando pesado fardo nas costas: era o que os estandartes mostravam, as honrarias que aceitaram do mundo.

E sempre palmilhando a estrada atapetada de pétalas de rosas, adentraram no lago e afundaram no lodo pestilencial que as rosas encobriam.

De repente, lancei um grito: "Santíssimo Divino!" No meio daquela procissão que se perdia no lago vi dois, reconheci dois, e quis lançar-me no lodaçal para tirá-los dali! Num átimo, Laurindo, que estava ao meu lado, pacificou-me, libertando-me da angústia que me oprimia.

A tela desapareceu. Heliodoro, que fizera uma pausa, prosseguiu:

" - *Oremos por esses arautos que se esqueceram das recomendações do Mestre e foram apanhados pelos lobos vorazes..*"

Acordei. Minha esposa, ao meu lado, perguntou-me aflita:

- O que aconteceu?! Você soltou tamanho grito...

FORTE

Rigonatti, Eliseu, "VIDAS DE OUTRORA", ed. Pensamento

## O MUNDO MAIOR E A COMUNICAÇÃO

*"Se o sábio não ajuda ao ignorante, a educação redundará em mentira perigosa".*

*"Faz-se precisa a educação pessoal e coletiva; da primeira decorre o progresso particular; da segunda, a evolução do mundo e das suas leis".*

*"No quadro imenso da transformação em que nossas atividades se localizam, a iniciativa da educação é de importância essencial no equilíbrio do mundo".*

## PERDA DE PESSOAS AMADAS

José Benevides Cavalcante

Este tema é tratado n'0 DOS ESPÍRITOS, de Allan Kardec, questões 934 a 936, Terceira parte.

Todos nós, se não passamos, vamos passar por essa experiência: a de perder a presença física de um Ser querido, de um familiar, de um amigo. Um dia, assim como chegamos à Terra, dela temos que partir. É verdade que, em nosso planeta, ainda encarnam mais Espíritos do que desencarnam. Mas, para uma população atual de cerca de 6.000.000.000 (seis bilhões de habitantes), desencarnam diariamente no mundo mais de 140.000 Espíritos e, um dia, estaremos neste número.

Os espíritas sabem que a morte física é apenas o término de uma etapa de experiências pela qual o Espírito passa, mas uma grande parte das pessoas não tem uma noção clara nem convicção sobre imortalidade e, muito menos, sobre reencarnação. Neste caso, elas sofrem muito mais a perda física de seus entes caros, às vezes, desesperando-se ou revoltando-se contra Deus, como se a morte em si significasse um mal, uma desgraça irreversível.

Os Mentores disseram a Kardec que essa experiência de morte serve de prova e de expiação para a família, mas sabemos que, quanto mais materialista ou descrente for a família, mais ela sofre. Daí uma vantagem de ser espírita e de termos certeza de que os nossos entes queridos desencarnados, muitas vezes, estão mais próximos de nós do que na época em que eles estavam encarnados.

### **Como Encarar a Morte dos Entes Queridos**

Como dissemos, a nossa reação diante da morte depende de como vemos a vida, de nossas crenças, de nossas convicções.

Para o descrente, a morte representa um fim, uma desgraça, o desaparecimento definitivo de uma personalidade, de uma individualidade; -mais do que isso, de uma pessoa, que viveu, aprendeu, lutou, sofreu, construiu, fêz amizades, amou, teve ideais e sonhos. Para quê, então, a vida? De que serviria a vida para aquele que nasce sem oportunidade, que não conhece senão dificuldades e sofrimentos na Terra? De que serviria a vida para a criança que morre cedo ou para o jovem que sequer conheceu um pouco da existência? Por que Jesus e tantos Missionários e Benfeitores da Humanidade teriam sacrificado as suas vidas, morrendo tão cedo por um ideal? Que certeza tinham esses homens e mulheres de que a vida continua e que eles serão felizes?

A nossa reação diante do sofrimento e da

morte depende do ponto de vista com que encaramos a vida.

Para o espírita, a vida terrena é um estágio de aprendizado na evolução espiritual. Longa ou curta, mais sofrida ou menos sofrida, feliz ou infeliz, ela é muito importante para todo Espírito; por isso precisa ser preservada até o fim. Mas ela deve ter um começo (nascimento) e um término (morte) que, geralmente, são estabelecidos na Espiritualidade, antes mesmo da reencarnação.

### **Dos Dois Lados**

Quando no Plano Espiritual, o Espírito tem sua família espiritual, seus amigos, seus Protetores, até que chega um dia em que precisa reencarnar para melhorar sua situação e buscar sua felicidade. É o dia da despedida, em que os "espíritos familiares" precisam se conformar com a sua partida para nova experiência na Terra. Não deixa de ser um momento difícil para aqueles que ficam na

Espiritualidade, muitas vezes, saudosos do companheiro ou companheira que vai reiniciar uma nova existência na Terra, reencarnando em novo corpo. Muitas vezes, esses amigos perdem totalmente o contato e têm que se conformar com a situação, mas sabem que, mais cedo ou mais tarde, voltarão a se encontrar.

Ao reencarnar, o Espírito renasce numa outra família, vai formar novos laços de afetividade (pai, mãe, irmãos, parentes, amigos). Enquanto no Plano Espiritual muitos ficaram tristes com a sua partida, aqui na Terra, os pais estão jubilosos com a sua chegada. Entretanto, ele tem uma programação a cumprir; terminada essa programação (não importa com que idade esteja), tem que voltar para a Espiritualidade, deixando o precioso corpo que utilizou para sua notável experiência. Então, todos ficam tristes por causa da partida, mas, do outro lado, existem muitos contentes porque ele novamente está chegando. Nós, os espíritas, temos a felicidade de compreender a duplicidade dessa situação, mas aqueles que só vêm a vida deste lado (material) e não se preocupam em conhecer o outro (espiritual), certamente estarão amargando profundos sofrimentos com a partida de seus entes queridos, achando que perderam definitivamente aquela afeição. Não sabem que a pessoa não é o corpo (mas, o Espírito), não consideram que o corpo é que faleceu, mas a pessoa (o Ser inteligente) continua com sua identidade, seus sentimentos, seus ideais, mesmo sem o corpo.

Alexandre Augusto Pandolfelli, jovem de 19 anos de idade, foi encontrado morto na casinha de praia de seu pai, em Caraguatatuba, litoral paulista, no dia 13 de julho de 1982. Ele cursava o 2º colegial. Através da mediunidade de Chico Xavier, ele escreveu para os pais: "*Senti o coração parar no peito, como um motor que apaga em plena marcha do carro. Quis reagir, mas não encontrei força para isso. Via meu próprio corpo e me espantei com semelhante dualidade. Fora acomodado numa cama dura, pois o necrotério não teve para mim a feição de um ambiente de morte. Aquela mesa, a meu ver, era um lugar de repouso dos nossos lá de casa. (..)*

*Dirigia-me a um e outro dos presentes, pedindo que a sua presença (do pai) e da mamãe Elvira viessem ao meu encontro. (..)*

*Vi uma senhora e mais outra, que me conheceram e disseram: "Alex' disse uma delas, "você precisa descansar". De quem seria à frase? De vovó Jadra?"*

Este é um trecho da primeira carta, em que Alex contou o início de sua experiência logo após a desencarnação. A carta trouxe muito conforto aos pais, principalmente porque eles reconheceram na mensagem a presença real do filho, convencendo-se de que ele não estava morto, como pensavam: pelo contrário, estava mais vivo do que nunca, agora identificando, inclusive, outros familiares há muito desencarnados.

FONTE

CENTRO ESPIRITA CAMINHO DE DAMASCO - 1999 - GARÇA - SP

## Sintonia Mental

[sintoniamental.anderung.com.br](http://sintoniamental.anderung.com.br)

## SÉRIE PERSPECTIVAS DA SOBREVIVÊNCIA 5 - DÍVIDAS E RESGATES

Walter Barcelos

A Justiça de Deus pode ser dura na cobrança justa e na medida exata de nossas dívidas, contudo o que determina e governa a lei são o Amor e a Misericórdia. Objetiva tão - somente a nossa quitação com a Conta da Vida, aliviando nossa consciência da culpa e dos crimes cometidos em vidas pretéritas.

A vida humana é cheia de provações e expiações, sinalizando as grandes dívidas que cada um de nós possui perante as Leis do Pai. Continuemos estudando o extraordinário livro: "O CÉU O E INFERNO", capítulo VII, no item: Código Penal da Vida Futura (C.P.V.F.) - formidável súmula do Código Divino.

**1 - "...não há uma única ação meritória, um bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos , por isso que constituem essas ações um começo de progresso".** Allan Kardec (C.I. -C.P.V.F. 80).

Uma boa ou má ação tem resultados certos e bem diferente no destino das criaturas. Quantas vezes, a título de sermos felizes, não hesitamos em praticar uma ação de maldade, infelicitando o próximo? O destino do mal serão sempre sombras, desequilíbrio e infelicidade. As pessoas mais criminosas e perversas, quando buscam o arrependimento sincero e se esforçam pela prática de uma só boa ação, de um único bom pensamento, de uma bela resolução, isto constitui valor muito grande para a renovação de seu destino. Deus não desmerece nenhum de seus atos, por mais simples que seja. Conquistará invariavelmente a seu favor com as boas idéias e boas ações: a simpatia, a gratidão, o mérito, a amizade e a intercessão a seu favor dos Espíritos elevados.

**2 - "Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga".** Allan Kardec (C.I. - C.P.V.F. 90).

A Justiça Divina é sempre exata em seus registros a respeito de nossos atos. Não deixa passar - sem a aplicação justa - um ato sequer. Toda falta cometida constitui um dé-

bito, uma dívida registrada nas páginas indeléveis da consciência, exigindo o resgate necessário e o pagamento correto, no momento adequado. A consciência somente se sentirá aliviada depois de ter experimentado a punição e a quitação da dívida contraída. Quantas vezes nos abalamos presenciando grandes sofrimentos por mortes violentas e enfermidades graves e irreversíveis de crianças e jovens! Ficamos sem entender e indagamos: o porquê de tudo isso. Por detrás desses tristes acontecimentos está imperando a Grande Lei de Justiça e Amor de Deus, cobrando, no tempo certo, a dívida contraída, com aceitação e escolha da expiação pelo próprio Espírito devedor, antes do processo reencarnatório.

**3 - "A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta".** Allan Kardec (C.I. - C.P.V.F. 110)

Qual é a diferença entre expiação e provação? As duas dizem respeito a sofrimentos e lutas, dores e lágrimas, mas há uma diferença fundamental. A expiação é sempre uma cobrança infalível de nossas faltas e crimes perpetrados em vida anteriores. As provações são as lições, experiências e testemunhos difíceis que todos precisamos experimentar, visando o aprendizado da vida e o enriquecimento do Ser espiritual rumo à perfeição. A Justiça Divina não é cega, não privilegia ninguém e não persegue ninguém.

É simplesmente justa, exata e imparcial. Ninguém paga por aquilo que não deve. Dependendo da gravidade da falta cometida, da repercussão prejudicial para muitas pessoas e até mesmo para toda uma comunidade ou um País, a expiação para o Espírito responsável será agravada e aumentados serão os seus sofrimentos expiatórios.

**4- "...podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida".** Allan Kardec (C.I. -C.P.V.F. 110)

A Justiça de Deus é absolutamente exata, pois analisa as causas, as circunstâncias, as atenuantes, as agravantes e os efeitos danosos da falta cometida, a fim de determinar o grau de culpabilidade. Somente após um longo processo de análise minuciosa pelo Fórum Superior - assembléia de Espíritos elevados -, juntamente com o responsável, acontece a deliberação de como deverão ser resgatadas na próxima encarnação. Existem faltas pelas quais, devido à sua gravidade e repercussão de prejuízos para muitas pessoas, o Espírito devedor deverá experimentar muitos sofrimentos em uma mesma existência ou em mais de uma encarnação, a fim de saldar com grandeza e nobreza os graves delitos. Existem faltas que, devido às circunstâncias em que foram cometidas, conseguem atenuantes e são aliviadas; outras, por causa das quais, devido aos abusos de crueldade e conseqüências prejudiciais para grande número de criaturas, serão imputados mais lances difíceis ao devedor.

**5 - "A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita".** Allan Kardec (C.I. - C.P.V.F. 130)

A Justiça de Deus não faz condenação por tempo determinado, à feição da Justiça huma-

na. Deus não se deleita com os nossos sofrimentos, fracassos e lágrimas, pois Ele não é sádico, não é carrasco, não é perseguidor. Esta é a idéia negativa e pessimista que comumente os descrentes imputam a Deus, que é Todo Amor e Misericórdia Infinitas. Ele quer de nós é a nossa renovação, a nossa corrigenda e o nosso aperfeiçoamento moral. Podemos passar, na existência humana, por sofrimentos e provações dolorosas por alguns anos e nem por isso resgatar determinada falta, tudo porque não soubemos sofrer com resignação, paciência e humildade. Sofremos, sim, mas carregando no coração: orgulho e revolta, rebeldia e intransigência, agravando mais ainda nossas dívidas para com as Leis Divinas.

**6 - "O que Deus exige por termo de sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao Bem".** Allan Kardec (C.I. - C.P.V.F. 130)

Deus é amor infinito em todas as suas manifestações. Suas leis são sábias, harmoniosas e equânimes. Ele quer a felicidade perfeita para todos os seus filhos. É justamente por isso que existe a Justiça Divina a fim de outorgar a cada Espírito o mérito ou o castigo. Deus espera que cada filho possa obedecer e praticar com a própria vontade os Estatutos Divinos das Leis Universais de Evolução do Espírito Eterno, baseados no Amor Universal e na Justiça Perfeita. À medida que o Espírito melhora os seus sentimentos, educa seus hábitos, desenvolve a responsabilidade de viver, dignifica seus atos no amor fraternal, pratica a humildade verdadeira e resgata com resignação seus débitos, dá-se início ao seu aperfeiçoamento moral e a felicidade verdadeira começa a nascer no altar da consciência e no santuário do coração.

FONTE

A FLAMA ESPÍRITA

## JOANA D'ARC SEGUNDO LÉON DENIS

Hermínio C. Miranda

"Em 1839 - escreve Régine Pernoud (1) -, o erudito escritor Vallet de Viriville estimou em 500 as obras dedicadas a Joana d'Arc; cinqüenta anos depois o número havia quintuplicado.

Contudo, o interesse que ela suscitou no século XIX nada é, comparado com o que tem despertado desde então".

É verdade isso.

Poucas figuras humanas como a legendária menina de Domémy reúnem em si mesmas tão extraordinários atributos e, por isso, continuam a surgir textos acerca da "Pucelle", explorando, quanto possível, aspectos novos da sua trajetória, ou lançando novas teorias acerca do fenômeno Joana d'Arc, a despeito da existência de obras exaustivas, como os cinco volumes de Quicherat, os quatro de Lefèvre-Pontalis, os quatro de Dunand, e quantos mais...

Seria inexplicável tal interesse por uma adolescente executada há quase cinco séculos e meio, não fossem as circunstâncias que envolveram o lamentável e doloroso episódio.

Ao comentar os depoimentos recolhidos durante o processo de reabilitação, Régine Pernoud escreve que cada um contribuiu com pequenos traços, para o desenho do mais espantoso retrato existente na história da França: o de uma jovem de 20 anos incompletos, que não sabia distinguir o A do 13, mas que restaurou um reinado e escolheu o seu rei. Mas, não somente isso, porque ela realizou o prodígio contra as mais inconcebíveis resistências e dificuldades para depois ser abandonada, inclusive pelo homem em cuja cabeça depositou a coroa da França, restaurada na sua glória e poder. Por outro lado, foram precisamente os representantes da religião, que ela honrou com a pureza imácua das suas práticas devotadas, os que se investiram da pretensa autoridade para condená-la em nome do mesmo Cristo que diziam amar e servir da única maneira certa...

- **"Que língua falou a voz?"** - pergunta um dos inquisidores.

- *"Melhor do que a vossa* - responde Joana, que notara o forte sotaque do dialeto limosino que falava o dominicano". E outro:

- **"Você crê em Deus?"**

- *"Melhor do que vós-é* a resposta".

Já no início dessa barragem de perguntas, em Poitiers, formuladas pelos mais cultos e

ardilosos "doutores da lei" à época, ela fizera a sua afirmativa de que não sabia "A nem B", mas quanto ao que vinha, isto sim:

- *"Venho da parte do Rei do Céu para levantar o sítio de Orléans e para conduzir o rei a Reims, para que seja coroado e consagrado."*

Para explicar esse fenômeno que aturdiu os generais e confundia os teólogos, faltava na vastíssima bibliografia histórica uma interpretação vazada em termos de Doutrina Espírita. Essa tarefa coube ao filósofo-poeta do Espirismo: LÉON DENIS. E nas homenagens que tão merecidamente lhe são prestadas nesta oportunidade, convém lembrar o notável estudo de sua autoria, que explica e define a posição de Joana d'Arc como médium e evidencia a indiscutível interferência dos poderes espirituais no curso da História. (2)

- *"A vida de Joana* - escreve Denis - *é uma das manifestações mais brilhantes da providência na História"*.

Não se trata, porém, de mais uma tese sobre a "Pucelle": É obra de pesquisa, de carinho, de inteligência e de lucidez. Mais do que isso ainda: a própria Joana, das alturas rarefeitas da luz, acompanha o trabalho do incansável batalhador da Verdade.

- *"Por isso mesmo* - escreve Denis - *é que, votando-lhe ardente simpatia, consagrando-*

*Ihe terna veneração e vivo reconhecimento, escrevi este livro. Concebi-o em horas de recolhimento, longe das agitações do mundo. A medida que o curso de minha vida se precipita, mais triste se torna o aspecto das coisas e as sombras se condensam à volta de mim. Mas, vindo do alto, um raio de luz me ilumina todo o Ser e esse raio emana do Espírito de Joana. Foi ele quem me esclareceu e guiou na minha tarefa".* (Destaque desta transcrição.)

E, mais adiante, para concluir:

*- "Estas páginas são a expressão fiel do seu pensamento, do seu modo de ver".*

O livro não é, pois, um mero levantamento histórico com base em documentos preexistentes e suposições mais ou menos engenhosas; ele contém testemunhos vivos recebidos mediunicamente da própria Joana, como este:

*- "Me é doce e delicioso volver aos momentos em que pela primeira vez ouvi minhas vozes. Não posso dizer que me amedrontei. Fiquei grandemente admirada e mesmo um pouco surpreendida de me ver objeto da Misericórdia Divina" - diz ela em mensagem datada de 15 de julho de 1909. Vem de remotas eras o aprendizado desse valoroso Espírito, segundo revelou em outra mensagem ditada, em Paris, em 1898. Vivera existências proveitosas na Armórica (3), entre os Celtas, aprendendo com os sacerdotes druidas as verdades da sobrevivência do Espírito, da comunicabilidade e da reencarnação. É provável até que seus caminhos tenham se cruzado aí com os de Kardec. Em mensagem ditada em 1909, lembrou o Codificador:*

*- "Fui sacerdote, diretor das sacerdotisas da ilha de Sem e vivi nas costas do mar furioso, na ponta extrema do que chamais a Bretanha". Denis deixa entrever que Joana teria também experimentado "existências de patricia" romana e de grande dama, "amante de vestes suntuosas e belas armaduras". Um*

*dia, em passado distante, aquela que seria Joana adormeceu e teve a visão de combates sangrentos que, infelizmente, eram impossíveis de serem evitados, em virtude do livre-arbítrio de cada um, mas, especialmente, porque eram motivados pelo "amor ao ouro e à dominação, os dois flagelos da Humanidade". A visão prosseguia, mostrando-lhe a grandeza futura da França e o papel que caberia a essa nação no Processo civilizador da Terra.*

*- "Deliberei consagrar-me muito particularmente a essa obra. Logo me vi rodeada de uma multidão simpática que na maior parte chorava e deplorava a minha perda. Em seguida, o veneno, o cadafalso, a fogueira passam vagorosamente por diante de mim. Senti as labaredas devorando-me as carnes e desmaiei!"* A missão era, pois, importante, mas extremamente penosa. Havia, porém, um trabalho a realizar, e a tarefa, ao mesmo tempo em que objetivava introduzir uma correção deliberada no curso da História, representava para Joana uma oportunidade redentora que ela não deveria recusar, embora pudesse fazê-lo. Havia, ademais, valioso prêmio, se a empreitada fosse bem realizada, pois os Amigos Espirituais procuraram imediatamente neutralizar o seu susto:

*- "Espera! A falange celeste que tem por missão velar sobre esse Globo te escolheu para secundá-la em seus trabalhos e assim acelerar o teu progresso espiritual. Mortifica tua carne - ensinavam eles -, a fim de que suas leis não possam ser obstáculo a teu Espírito. A provação será curta, porém, rude."* Nesse encontro lhe foi, dessa forma, assegurado todo o apoio de que precisasse, e anunciado até o processo de que se utilizariam, ou seja, a instrumentação da mediunidade, como elo de ligação com os componentes da Equipe Celestial. Ela devia estar preparada para *"resistir aos homens e*

obedecer a Deus".

- "Seguindo estes conselhos, os mensageiros do céu virão a ti, ouvirás suas vozes e te aconselharão; podes ficar tranqüila, não te hão de abandonar!". Assim foi, muito embora, para Joana encarnada, esse abandono parecesse às vezes, caracterizado em situações extremamente críticas, a partir da sua prisão e entrega aos ingleses. As vozes calaram-se por algum tempo e quando lhe falavam era para dizer que não se afligisse tanto, pois que a libertação vinha próxima. Interpretando a seu modo a promessa, Joana pensava que seria posta em liberdade ainda na carne. Tratava-se, porém, da libertação da carne e não na carne. Nem aí, porém, seus amigos a abandonaram.

- "**Terá Joana sofrido muito?**" - pergunta Léon Denis. Ela própria nos assegura que não".

- "*Poderosos fluidos, diz-nos, choviam sobre mim. Por outro lado, minha vontade era tão forte que dominava a dor*". Cumprira fielmente a sua tarefa gigantesca a qual, segundo Denis, se desdobrara em dois aspectos distintos: o renascimento político da França, é certo, mas também "*a revelação do mundo invisível e das forças que ele encerra*". Pela primeira vez, documentava-se na História, sem contestação possível, que essas forças podem interferir e o fazem quando necessário.

- "*Quando o Céu intervém* - escreve Denis - *quando Deus manda seus mensageiros à Terra, podem opor-se-lhe à ação resistências e obstáculos?*". Sobre este delicado aspecto, o eminente pensador espírita expende comentários de grande oportunidade e profundidade, pois tanto o homem, individualmente, é livre, quanto a Humanidade, como um todo, o é. Livres, mas responsáveis. O exercício do arbítrio, num como noutra, acarreta inelutáveis conseqüências ao longo do tempo.

- "*Também o cego é livre* - diz Denis - e, con-

*tudo, sem guia, de que lhe serve a liberdade?*"

- "Quando o cego marcha para o abismo, é preciso que o guia interfira com o cuidado possível, mas, também, com a energia necessária.

- "*A missão de Joana é difícilima. Nenhum Ser, por mais elevado que seja seu gabarito evolutivo, seria capaz de realizar aquela tarefa gigantesca sem estar solidamente articulada com as equipes espirituais que o sustentam*

- "*A situação da França é desesperadora. A luta com a Inglaterra arrasta-se há quase cem anos. Sucessivas derrotas esmagaram a nobreza e destroçaram o moral das tropas. A economia desorganizou-se; há destruição por toda parte, fome, peste, ausência de autoridade e de liderança, traições, acomodações e desespero. De vitória em vitória, o inimigo aproxima-se do coração da França. Paris já se encontra em poder dos ingleses. Falta Orléans, que, não obstante, esta sob penoso sítio, quase nos limites da resistência. O mato cresce nos campos de cultivo, as aldeias foram abandonadas, imperam por toda parte a desolação, o banditismo, a morte.*

- "*Nesse angustioso cenário, uma nação, outrora valente e gloriosa, aguarda o último ato de sua soberania. A um canto, encurralado em Chínon, o Delfim assiste, impotente e apático, à agonia de sua pátria*".

Aliás, em todo esse episódio doloroso, a figura mais trágica é a desse príncipe aturdido. O julgamento da História não lhe é absolutamente pacífico. Muitos são os que o tratam com impiedosa dureza, especialmente porque foi dos primeiros a abandonar a jovem guerreira à sua própria sorte. Marcel Grosdidier de Matons (4) tenta oferecer-nos uma visão mais simpática do pobre Delfim, cuja posição, na verdade, não era das mais fáceis. De fato, o tratado de Troyes, nascido das maquinações de sua própria mãe, Isabeau, e do Duque de Borgogne, declarava-

o sumariamente bastardo. Num regime de sucessão por direito divino, como o da França, como poderia uma criatura nessas condições aspirar ao trono?

- *"Vive ele em Chinon, despreocupado de seu infortúnio - diz Denis -, absorvido pelos prazeres, cercado de cortesãos, que o traem e secretamente pactuam com o inimigo".*

A esse homem, que nem em si mesmo acredita, é que compete a Joana colocar sobre um trono, que lhe cabe reerguer dos escombros de uma nação aviltada por derrotas e traições, e que se prepara para aceitar o inevitável. Já a essa altura, Henrique VI, da Inglaterra, se proclamara rei também da França. Por isso, observa Léon Denis:

- *"E vede que mistério admirável! Uma criança é quem vem tirar a França do abismo. Que traz consigo? Algum socorro militar? Algum exército? Não, nada disso. Traz apenas a fé em si mesma, a fé no futuro da França, a fé que exalta os corações e desloca as montanhas. Que diz a quantos se apinham para vê-la passar? "Venho da parte do rei do céu e vos trago o socorro do céu!"*

- *"Nenhum poder da Terra é capaz de realizar este prodígio: a ressurreição de um povo que se abandona. Há, porém, outro poder, invisível, que vela pelo destino das nações".*

Joana é a representante viva desse poder, e o instrumento que torna possível o prodígio, a que alude Denis, é precisamente a mediunidade que, segundo o escritor espírita, raras vezes tem ocorrido assim tão variada, completa e cristalina. Ela vê e ouve seus companheiros espirituais. Fala com eles, recebe instruções, avisos, estímulos e conselhos. Transmitem-lhe intuições exatas no momento preciso. Levantam para ela, aqui e ali, o véu que ainda encobre o futuro.

Seguem-lhe os passos por toda parte, desde Domrémy, quando abandona a casa paterna, no silêncio da noite, até Rouen, onde seu corpo se consome em chamas. Não chegou

a durar dois anos a epopéia da menina admirável, que se deixa guiar, com bravura, pelos seus amigos de cima e enfrenta, destemidamente, todos os ardilosos comparsas das sombras que se atravessam no seu caminho. Quase todos vêm vestidos de mansos cordeiros ou trazem as insígnias coloridas do poder temporal, principalmente religioso, para oprimirem exatamente a ela, que fala em nome dos amigos de Jesus! Vencendo dificuldades sobre-humanas, chega, afinal, a Chinon porque as vozes insistem em que ela fale com o Delfim. Dois dias se arrastaram antes que fosse concedida a almejada entrevista. Nada intimida aquela jovem e iletrada camponesa. Parece habituada a mover-se nas cortes dos reis, pois, como escreve Denis, ' - em épocas que lhe precederam ao nascimento, freqüentou moradas mais glóiosas do que a corte de França e disso guardou a intuição". É chegado o grande momento. Entra no salão imenso, onde se reúnem 300 pessoas da mais alta nobreza, ricamente trajadas. Ainda desconfiado e hesitante, o Delfim misturou-se à multidão, colocando outra pessoa no trono. Joana não se deixa enganar: dirige-se a ele, com firmeza e deliberação, ajoelha-se aos seus pés e depois lhe fala longamente, em voz baixa, ante a estupefação geral e não poucos sorrisos de mofa e incredulidade. Traz-lhe o recado de mais alto, que a História não documentou. Sabe-se, porém, que confirmou, da parte dos poderes que a enviavam, que ele era filho do rei e herdeiro legítimo da coroa, restituindo-lhe a confiança em si mesmo. Continuaria, pela sua curta e momentosa existência, a dar testemunho dos seus dons e das suas indiscutíveis credenciais. Inúmeras vezes enfrentaria o poder transitório da Terra, sob as mais adversas condições, com a segurança que lhe emprestavam seus ami-

gos invisíveis.

- "Quando, porém, vos levarem às sinagogas - ensinara Jesus (Lucas, 12:11 e 12) - 'perante os magistrados e as autoridades, não vos preocupeis com o que haveis de responder para a vossa defesa, porque o Espírito Santo vos inspirará naquela hora o que deveis dizer". Assim foi. Ante a saraivada de questões, das mais capciosas, ela se manteve firme, confundindo a todos com as suas respostas corajosas. Um exemplo: quanto ao Espírito que se identifica aos seus olhos como São Miguel, o pobre Cauchon lhe pergunta:

- "**Ele estava despido?**"

- "O Senhor pensa que Deus não tem com que vesti-lo?"

- "**Tinha cabelos?**" - "Por que lhe seriam cortados os cabelos?"

Apresentavam-se, pois, seus amigos, completamente apreensíveis à sua visão espiritual, e por fim, a penosa paixão que se arrastaria por seis meses. A Léon Denis revelou pormenores dolorosos:

- "*Mandaram forjar para mim - diz ela - uma espécie de gaiola em que me meteram e na qual fiquei extremamente comprimida; puseram-me ao pescoço uma grossa corrente, uma na cintura e outras nos pés e nas mãos. Teria sucumbido a tão terrível aflição, se Deus e meus Espíritos não me houvessem prodigalizado consolações. Nada é capaz de pintar a tocante solicitude deles para comigo e os inefáveis confortos que me deram. Morrendo de fome, seminua, cercada de imundícies, machucada pelos ferros, tirei de minha fé a coragem para perdoar os meus algozes".* Quanto à sua desesperada obstinação em usar roupas masculinas, esclarece Denis que foi para se defender melhor dos incessantes atentados ao seu pudor, não apenas da parte dos soldados que a vigiavam noite e dia, mas até mesmo do lamentável Conde de Stafford, que, "*levado tanto pela superstição quanto por uma paixão*

*hedionda - escreve Denis -, entrou no cárcere de Joana e tentou violentá-la".* Acreditavam aqueles pobres Espíritos atormentados que, com isso, quebrariam o encantamento que sustentava aquela vontade férrea e a desligariam dos poderes em que se apoiava. Enfrentava, na época, cerca de 70 juízes temíveis, sob o comando de Pierre Cauchon, que recebeu, como recompensa, o bispado de Lisieux. Mais tarde, segundo lembra Denis, seria excomungado, não pela atuação no processo de Joana, mas "simplesmente porque recusou satisfazer a um pagamento que o Vaticano exigia". Esses foram os homens que julgaram a menina de Domrémy, esses eram os métodos de que se serviam para alcançar seus fins. Por isso, a tarefa de Joana prossegue ainda hoje. Léon Denis informa que, ao escrever seu livro, muitos dos atores daquele drama tenebroso estavam reencarnados na Terra sob a proteção de Joana.

- Carlos VII - escreve Denis - reencarnado num desconhecido burguês, acabrunhado de enfermidades, foi muitas vezes distinguido com a visita da "filha de Deus". Iniciado nas doutrinas espiritualistas, pôde comunicar com ela, receber seus conselhos, seus incitamentos. Uma única palavra de censura lhe ouviu: "*A nenhum, disse-lhe um dia Joana, me custou tanto perdoar como a ti".* A antiga "Pucelle" conseguira reunir em só ponto da Terra seus inimigos de outrora, inclusive seus algozes. Procurou guiá-los em direção à luz, tentando fazê-los "defensores e propagandistas da nova fé". Era de ver-se o devotamento da antiga vítima pelos seus torturadores, mas Denis se vê na contingência de confessar, em nome da verdade, que os resultados foram medíocres. Assim que se dissipavam, no envolvimento do mundo, as emoções daqueles contactos sublimes, eles se deixavam levar pelas suas paixões ainda ativas. Em breve, cessaram

as manifestações.

- "Joana jamais se revelou senão a poucos, prossegue Denis. Os outros não souberam adivinhá-la. Raros puderam compreendê-la. Sua linguagem era muito perfeita; vertiginosas as alturas a que tentava atraí-los. Esses estigmatizadores da História, que se ignoram a si mesmos, ainda não estavam amadurecidos para semelhante papel". A supliciada de Rouen, porém, não abandonou os seus tutelados. Ainda hoje, e por muito tempo ainda, há de seguir amorosamente os seus passos, na esperança sempre renovada de conduzí-los ao coração do Mestre. Quando, onde e como despertarão, esses Espíritos atormentados, para as belezas do amor? Resta uma palavra final. Não escaparia a Denis, certamente, o paralelo entre os sofrimentos de Jesus e as agonias de Joana. Tal como ele, ela foi traída, vendida, abandonada e sacrificada ao ódio desvairado dos donos do poder temporal. Tal como ele, sofreu heroicamente o suplício, perdoou a todos e seguiu amando. Tal como ele, inúmeras vezes tem voltado sobre seus passos para tentar o resgate daquelas almas tão fundamente marcadas pela aflição e que se prestaram ao papel doloroso de instrumentos da sua agoniada paixão. Consta que Joana teria vivido ao lado de Jesus a personalidade controvertida e dramática de Judas. Em "CRÔNICAS DE ALÉM-TÚMULO", obra escrita pelas mãos abençoadas de Chico Xavier, Humberto de Campos, Espírito, deixa entrever essa hipótese, ao reproduzir, em sua entrevista, a informação de Judas:

- "*Depois da minha morte trágica, submergi-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição, deixei na Terra os*

*derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV*". Não importa, porém, que Joana tenha ou não vivido como Judas; o que importa, hoje, é o seu exemplo de bravura, de absoluta confiança nos poderes que nos guiam os passos vacilantes pelos caminhos da vida. Foi uma pioneira da mediunidade a serviço total da Humanidade. Por intermédio dela, uma criança analfabeta, os Espíritos do Senhor provaram que podem mudar o rumo da História e que os homens não estarão para sempre entregues aos seus desatinos. É bom lembrar isso, hoje, quando muitos acham que toda a Civilização moderna disparou desabaladamente num processo de autodestruição. Não é isso o que informam as profecias. Não é isso o que dizem os mensageiros do Senhor. Ao contrário, asseguram eles uma Era de paz e de reconstrução, que se iniciará precisamente a partir do momento em que tudo parece mergulhar no caos. E como não será preciso demonstrar novamente que isso é possível, é absolutamente necessário que não nos coloquemos ao lado daqueles que, num supremo esforço do desespero, estão desafiando uma vez mais as forças irresistíveis da luz. A hora final da treva está chegando. Qual será a nossa opção? Nesse dramático contexto, em que forças antagônicas se defrontam, a advertência de Léon Denis deve ser reexaminada em toda a sua tremenda significação, ou seja, a de que a trajetória evolutiva da Humanidade não se desenvolve ao longo do tortuoso traçado dos nossos caprichos. Acima de nós, e por nós, velam prepostos de Deus e do Cristo, iluminados pela visão majestosa dos planos divinos. No momento certo, esses poderes entrarão em ação. E tormentosos séculos aguardarão os que insistirem em se opor à marcha irresistível do Bem coletivo.

## O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO."**

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção **JUVENTUDE** para encontrar o esclarecimento que Você procura.

### BENZIMENTO DE ROUPAS

**É errado benzer roupa no Centro? Eu freqüentava um Centro que fazia isso. Muita gente levava roupas de parentes e pessoas doentes para receber bons fluidos. Depois, que passei a freqüentar outro Centro, fiquei sabendo que aquilo não é Espiritismo. Não vejo nenhum mal em benzer roupas. ( Alderaci Nunes Pereira -Bauru - SP)**

Prezada leitora, não se trata de estar certo ou errado, de ser um bem ou um mal. Existem, no mundo, as mais diversas práticas religiosas, cada qual derivada de um sistema de crenças. O Espiritismo respeita todas elas, porque a fé não se impõe a ninguém, mas a Doutrina tem seus próprios princípios e suas próprias práticas, que considera eficazes na busca de soluções possíveis para os problemas humanos. Os ritos religiosos, em geral, estão presos a concepções bem diferentes das que o Espiritismo tem a respeito das leis que regem os fenômenos da natureza, particularmente os que estão ligados à questão da cura. Para a Doutrina Espírita, o pensamento é o esteio de todos os fenômenos que diz respeito ao Ser humano, razão pela qual não adota nenhuma forma cerimoniosa, nenhuma prática mística, assentada sobre o pensamento mágico, por considerá-las inteiramente dispensáveis.

Mesmo o passe, em si, não deveria se restringir a uma simples imposição de mãos, em que o paciente permanece inerte, a espera de uma doação miraculosa. Não é recomendável que acreditemos no poder mágico das coisas (dos objetos e das palavras), mas que procuremos participar do fenômeno como agentes impulsionadores de seus mecanismos naturais. Mesmo que impregnássemos um tecido de bons fluidos com nossas vibrações de amor, que efeito teria na pessoa que vai usá-lo, se essa pessoa está ausente desse processo, se ela não toma conhecimento do que lhe está acontecendo e não sabe buscar as razões pelas quais estão passando por determinado problema? Não terá, pelo menos, o efeito mais importante, que é de conscientizá-la a respeito de suas necessidades íntimas e de ajudá-la a resolver os seus mais intrincados problemas existenciais. O pensamento é tudo - diz Kardec - porque ele é catalizador desses fenômenos. Por isso, a utilização de velas, amuletos, bentinhas, talismãs, incenso e todo arsenal de coisas "mágicas" não encontra acolhida no meio espírita. Ademais, a chamada "cura espiritual" nos é um tanto controvertida, não podendo ser confundida com a prática das inúmeras igrejas dedicadas a esse mister, nele se apoiando para proclamarem suas princípios e se arvorarem

# JUVENTUDE

como únicas detentoras da Verdade. No Espiritismo, a cura real não é a do corpo, mas a da alma; por isso, o resultado imediato não é o mais importante, mas, sim, o processo pelo qual o necessitado é envolvido no conhecimento das leis da vida, para compreender as suas próprias necessidades de transformação moral e buscar supri-las através de um esforço consciente. Realmente, o Espiritismo não adota e não pode adotar esse expediente, pois ele não encontra respaldo nas bases da Codificação e reduziria a Doutrina a práticas que ela veio combater por significar um retrocesso à superstição e ao misticismo.

## EVOLUÇÃO E PERFEIÇÃO

**Se Deus é Perfeito, porque não criou perfeitas as criaturas e todas com o conhecimento da Verdade? ( Cláudia Maria Gerse - Assis -SP)**

A idéia de perfeição é ainda muito complicada para todos nós. Se não conseguimos idealizar sequer um objeto perfeito, que podemos ver e manusear, porque cada pessoa sempre será capaz de apontar uma imperfeição nesse objeto, como conceber o Absolutamente Perfeito, que nos escapa inteiramente à percepção? Não sabemos como explicar a perfeição e queremos entender por que Deus teria agido desta e não de outra forma!... O progresso do pensamento ainda não nos permitiu conhecer nem a nós próprios: somos para nós os grandes desconhecidos; mas pretendemos conhecer Deus, a partir do autodesconhecimento! Desde seus primór-

dios, o homem, no afã de explicar a divindade, atribuiu-lhe muitos conceitos, deu-lhe inúmeras formas, mas o que prevaleceu foi a forma humana, antropomórfica, pela qual as religiões ocidentais idealizou Deus e até hoje ainda o concebe; não apenas na forma física ( porque muitos entendem que Deus seja uma pessoa - com cabeça, tronco e membros - como nós), mas a estrutura psicológica de uma divindade que tem inteligência, emoções e toma decisões como nós tomamos, sujeitas a erros e acertos. Para o Espiritismo, Deus é "**a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas**", e só. Não dá para ir mais longe, por enquanto. Só podemos saber que tudo que existe é a sua manifestação, porque tudo, absolutamente tudo, funciona de acordo com um comando inteligente uno, que governa o Universo em toda a sua estrutura e fenomenologia. Podemos inferir, a partir concepção de Inteligência Suprema, que Deus nos criou para a perfeição, mas essa perfeição é fruto do caminhar de cada um, ao longo de suas milenares experiências, fator que determina que cada um seja só e unicamente ele mesmo, capaz de construir seu próprio destino. A perfeição da Criação estaria, portanto, na capacidade da própria criatura direcionar seu caminho, conquistando, pelos seus próprios méritos, o Bem e a Verdade de que é capaz. O conhecimento é um dos mais elevados atributos do Espírito e uma das condições fundamentais para a sua realização, mas a sua principal característica é que ele não pode ser transmitido se não for adquirido.

## ATENÇÃO

Todos os pensamentos e frases inseridas ao final de algumas seções deste número, foram extraídas de obras psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

EDUCAÇÃO

INFORMAÇÃO

## PONTOS PARA REFLEXÃO

Quando Cidalha Batista, sua segunda mãe e amiga desencarnou, deixou aos cuidados de Chico Xavier, seus filhos menores.

Enquanto o último deles não se casou, Chico não os abandonou à própria sorte sendo-lhes protetor e orientador.

Possui, portanto, dilatada experiência na arte de educar.

Compartilhando parte de sua experiência oferece-nos a seguir algumas opiniões, compiladas por Walter Barcellos.

**1-** *“A criança precisa de carinho, atenção, mas necessita também de ser encaminhada ao trabalho desde cedo, aprendendo a ser responsável... Muitos jovens drogados são filhos de pais excessivamente liberais. Sem disciplina, eu não teria conseguido chegar até onde cheguei... Apelos para que eu me desviasse não faltaram. O assunto da omissão dos pais na educação dos filhos é um problema sério. Há pais que mandam filhos para a escola e pedem aos professores que os adotem, como se os professores fossem babás de luxo...”* (Texto nº 57, pág. 36).

**2-** *“Sem a cooperação do lar cristão, é quase impossível a escola cristã operar com eficiência necessária. Impossível delegar aos professores todos os problemas da formação espiritual de uma criança. A tarefa dos pais e das mães é grande demais para ser esquecida. Precisa de um reavivamento profundo no que se reporta à fé cristã, entre as paredes domésticas, para que a nossa civilização possa sobreviver”.* Texto 68, pág. 42).

**3-** *“Se recebemos, num educandário, uma criança complexada pelas rixas domésticas constantes, ou comprometida pelo comportamento menos feliz que adotamos entre as paredes de nossa casa; se a criança revela indiferença religiosa porque sejamos indiferentes ante Jesus dentro do lar; se nós não temos tempo, se não buscamos tempo para ensinar a oração aos nossos filhos; se*

*não nos lembramos de nossas grandes mães, aquelas mães abnegadas que nos ensinaram a colocar as mãos postas e orar em nossa infância; se não achamos ensejo algum para o cultivo do ensinamento cristão, nós, que temos uma profunda dedicação ao progresso da técnica na radiofonia, no cinema, na televisão — embora não esteja em nosso intuito condenar, de maneira alguma, estes frutos do progresso da inteligência — mas, se nós encontramos tempo para estas diversões, para estes instrumentos da nossa cultura, dádivas de Nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio da Ciência, e que a Ele tudo devemos atribuir no terreno das melhorias e do progresso deste mundo, como esperar que os nossos filhos tenham a alma evangelizada para servir em nossos cultos de fé ou dignificar as nos-sas escolas? Os primeiros mestres são os pais.*

*O exemplo há de começar em casa; a demonstração há de iniciar pelo pensamento, pela palavra, pela atitude, pela vivência”.* (Texto nº 74, pág. 46).

**4-** *“Incentivemos o culto do Evangelho de Jesus em casa, com o hábito da oração. Na edificação deste propósito, não olvidemos o concurso dos pais e mães Tristãos; os homens entregam à sua esposa, sacrificada por afazeres domésticos, todos os serviços de formação espiritual dos filhos; quantos de nós, homens, quando assumimos a responsabilidade com a formação de uma casa, quantos de nós abandonamos à companhia aquele filho que o Senhor nos*

*confiou e acreditamos que este serviço pertence a elas, e não a nós, não achamos nem mesmo tempo para uma conversa semanal, pelo menos, com os filhos, a respeito das necessidades espirituais em que se encontram? Não ignoramos que as mães fornecem habitualmente o tempo integral à assistência familiar, mas é preciso que os pais encontrem ocasião para o diálogo...*

*Acreditamos que só um sentimento religioso amplamente desenvolvido pode enriquecer o lar de bênçãos permanentes; já esse lar,*

*enriquecido pelas bênçãos da religião cristã, está vacinado contra as aventuras que estamos vendo aí, aos milhares, todos os dias, através de nossa imprensa."*

**5** - *"Várias vezes, visitei, com Emmanuel e André Luiz, as regiões do Umbral... Não vi por lá uma criança sequer, mas pude observar muitos pais que se responsabilizaram pela queda dos filhos, mais pais do que mães!... Muitas mulheres são vítimas de seus maridos; foram abandonadas por eles, lutando sozinhas com a educação dos filhos..."* (Texto nº 189, pág. 104).

## O MUNDO MAIOR E A EDUCAÇÃO

*"A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo. O cérebro sublime não encontra socorro no coração embrutecido".*

Francisco de Assis

### FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE "INFORMAÇÃO"

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA "CASA DO CAMINHO", Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

**NOME:** .....

**ENDEREÇO:** .....

**CIDADE:** ..... **ESTADO:** ..... **CEP:** .....

**Nota** - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.